

Equatorial

v.6 n.11 | jul/dez 2019

ISSN: 2446-5674

Editorial:

A alimentação, o que ela classifica e o que ela enreda

A equipe da revista Equatorial tem o prazer de apresentar para suas leitoras e leitores o Dossiê *Saberes e sabores: abordagens antropológicas sobre alimentação*. O dossiê foi organizado por Thágila Maria dos Santos de Oliveira, mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRN e pesquisadora colaboradora do Grupo CIRS (Cultura, Identidade e Representações Simbólicas) da mesma universidade e por Guilherme Bemerguy Chêne Neto, doutorando em Ciências Sociais na FCLAr/UNESP e pesquisador do LAMAq/MPEG (Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos).

Os organizadores enfrentaram o desafio de selecionar apenas alguns trabalhos dentro de um número expressivo de contribuições, sendo uma das chamadas para artigos que recebeu mais propostas nos últimos anos da revista. Se pensarmos nas múltiplas possibilidades de reflexão que oferece a antropologia da alimentação, esse interesse manifesto no número de trabalhos recebidos, não é uma surpresa. A alimentação não se resume ao ato de comer, como acertadamente apontam os organizadores na apresentação, e, mesmo que fosse, este não é um ato evidente ou passível de naturalização.

Não apenas comemos para mantermo-nos vivos, comemos e selecionamos o que comemos para sermos nós e não outros, para marcarmos parentescos, pertencimentos, fronteiras do sagrado e elos com este, práticas e lugares de pureza e sentidos de coletividade e de comensalidade. Mas, além de comer, produzimos alimentos, coletamos outros, extinguímos espécies, domesticamos outras, classificamos o mundo do comestível, desenvolvemos técnicas de produção, preparo e consumo; adoecemos e sanamos comendo ou bebendo substâncias e criamos linguagens para dar sentido às práticas e experiências envolvidas nessa complexa forma de estarmos vivos.

Se com esse resumido e limitado leque de assuntos o panorama já parece complexo, imaginemos só o que a antropologia da alimentação tem a dizer também sobre as desigualdades planetárias traduzidas em fome, acesso diferenciado às tecnologias, sobre-exploração de recursos, patente de sementes, uso de agrotóxicos e perigo para espécies nativas, etc. Indubitavelmente há assuntos relacionados também com formas e práticas de consumo, distinção de grupos sociais, estilos de vida e lutas sociais. E ainda, como a antropologia se comunica com outras áreas que assumem os alimentos como centrais para suas práticas profissionais como a medicina e a nutrição? Como dar conta dos conflitos contemporâneos em que, por exemplo, a militância gorda se ergue simultaneamente ao fortalecimento das campanhas mundiais de luta contra a obesidade e as doenças a ela associadas? Como entender as lutas pela soberania alimentar num mundo do capital? Que significa e que atores estão presentes na disputa pelas definições do saudável e do correto em termos de alimentação? E, muito importante para entender nosso dossiê, como abordar etnograficamente pelo menos uma parte dessa quantidade de temas que a alimentação compreende e enreda?

Esperamos então que uma das contribuições do dossiê seja a de se somar ao necessário e árduo trabalho de produção constante sobre o complexo tema e também a de permitir aos leitores se aproximarem de contextos etnográficos concretos em que o assunto da alimentação emergiu. Os textos apresentados falam de diversas classificações e enredos de humanos e não humanos com os alimentos, que vão desde dietas e controles médicos; sentidos do consumo da carne animal, passando pela comunicação com entidades sagradas e as formas de comensalidade em contextos religiosos, até a reflexão do poder de organização social da maravilhosa Chicha andina.

Os organizadores nos presentearam, além disso, com a inclusão de uma interessante entrevista com Jean Pierre Poulain, realizada por Thágila de Oliveira, em que o renomado autor fala de seus trabalhos e dos conceitos de obesidade, gastronomização e espaço social alimentar. Finalmente, contamos também, com um ensaio visual produzido no contexto de uma Casa de Saúde Indígena no município de Oriximiná, no estado brasileiro do Pará.

Uma vez mais, fica o convite para a leitura do dossiê e para o envio de suas contribuições para a Revista Equatorial.

Angela Mercedes Facundo Navia
Professora Adjunta I do Departamento de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte